

SERTÕES

WALTER KARWATZKI¹

A exposição “Sertões” foi selecionada por edital e exposta na Sala da Fonte na Prefeitura de Porto Alegre – RS. A mostra foi composta um painel de 200 x 320 cm, formado por vinte e uma (21) imagens de tamanhos de 50 x 60 cm e de 60 x 80 cm. Além deste painel, cinco (5) outras imagens de tamanho 60 x 80 cm, formavam a exposição. Todas as imagens foram impressas pelo processo eco-solvente em tecido de poliéster. Completam a mostra cinco [5] frases em adesivos com definições de sertão extraídas de livros de João Guimarães Rosa. A exposição apresenta o sertão em sua magnitude espacial e seus aspectos físicos – a vegetação, o relevo, a aridez – e os seus significados antropológicos – o homem, a casa, a igreja, o boi, o carro de boi... Este é o sertão palpável e visível. Estes aspectos físicos e antropológicos tornam o cenário uma espécie de labirinto, como se este fosse uma metáfora da vida. A travessia deste labirinto pode ser interpretada, por analogia, como a travessia da nossa própria existência... [...] *Sertão é dentro da gente. O sertão é sem lugar* (ROSA, 2006, p.268).

O verdadeiro sertão é aquele que nos habita. É aquele de nossa aridez diária em relação aos outros e a nós mesmos. É aquele que dificulta nossa fertilidade de bem estar. Percorrer sertões é um exercício de crescimento pessoal. Este ensaio fotográfico é resultado de andanças pelos sertões dos estados de Alagoas e Sergipe a partir das margens do rio São Francisco, ora para um sertão, ora para outro. O grande painel formado por imagens dos sertões visitados formam o meu sertão. No centro a igreja, símbolo de toda religiosidade que sustenta o sertanejo. Sua fé em um Deus que não o abandona jamais... [...] *sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo. Quando vier, que venha armado!* (ROSA, 2006, p.35).

Casa de Deus que o abriga, casa dos santos que o acompanham. Acima e nos lados, caminhos e horizontes unidos que se somam em composições, agora, únicas. Caminhos de ex-rios, resistência de vegetações... *O sertão aceita todos os nomes, aqui é o gerais, lá o chapadão, acolá a caatinga...*(ROSA, 2006, p.490). Xique-xique, facheiro, mandacaru, olho d’água que ninguém mais sabe. Abaixo da igreja o alimento, o boi, o trabalho... [...] *Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas* (ROSA, 2006, p.171).

¹Professor e Coordenador de Projetos Culturais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Câmpus Porto Alegre - RS) e doutorando em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale.

O boi sofrido de pouca carne, jurado pela vida, para morte. Dando base à pirâmide de um lado a morada, o abrigo... *Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar* (ROSA, 2006, p.27). Casa? Do outro o homem em seu acanhamento, escondido, disfarçado... Homem do sertão... *Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago...* (ROSA, 2006, p.220). De tão sertão que se confunde que se funde...As outras imagens isolam o sertão: a imensidão, os planos, as serras, o céu e sua aridez. O carro de boi, roda que canta e o eixo que queima com o cocão apertado criando um som exclusivo em notas dedor. O abrigo de terra em a casa de sapé. O rio São Francisco e suas águas só molham os pés do sertão. Espinhos que o protege...

REFERÊNCIAS

ROSA, João G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.









Recebido em: 16 de setembro de 2017.
Aprovado em: 20 de dezembro de 2017.
Revista Mundaú, n.3, 2017, p.195-201.